

Ler&Contar

Acesso gratuito a contos inéditos de autores lusófonos, com ilustrações originais.
O(a) jovem/professor(a)/pai/mãe/educador(a) vai ler o conto e, seguidamente, poderá contá-lo e oferecê-lo a uma criança que por sua vez o contará também, criando-o através da sua memória e da sua imaginação. Terá, ainda, em cada fascículo, um espaço reservado para fazer a sua própria ilustração.

Os autores dos contos que ofereceremos, à média de um por quinzena e com início a 10 de Maio, durante o ano 2020, são angolanos. De forma pro bono aderiram a este projecto que fará chegar a inúmeros leitores contos de escritores que são referência, a par dos de alguns valores emergentes no panorama da literatura lusófona.

Noitibó Confraria

Apostamos na criação de projectos de divulgação de autores.

Queremos fazê-lo de forma lúdica e imaginativa.

Autor

Salvina Ribeiro

Nasceu em Lombo, Macedo de Cavaleiros, Distrito de Bragança. Emigrou com os pais e irmãos para Angola antes de completar cinco anos. O seu primeiro emprego foi como locutora no Rádio Clube de Malanje, cidade onde viveu a infância e adolescência. Em 1969 mudou-se para Luanda, onde permaneceu até à sua saída de Angola, em Agosto de 1975. Após viver dois anos no Brasil, regressou a Portugal. Trabalha em Lisboa no Instituto Superior Técnico.

Obras publicadas: “Nós, os Candengues de Malanje”, DG Edições, 2014. “Branco no Preto, Preto no Branco” (memórias de Malanje e Luanda), DG Edições, 2016. Em Dezembro de 2017 publicou o livro “Capi e Sibela (uma história de asaços”, uma obra dedicada a todas as crianças, especialmente à criança que vive dentro de cada um de nós.

Ilustrador

Samuel Rego

Memórias de infância e adolescência: sempre de lápis na mão e cara salpicada de tinta. Seguiu o curso de Artes Visuais, pulando em seguida para a cidade de Caldas da Rainha; foi na ESAD.CR que aprendeu e desaprendeu o que é o design gráfico. Daí, rumou novamente a norte. Neste momento, está a concluir um mestrado em Design Gráfico e projectos editoriais na FBAUP (Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto).

Na Web

Sítio: www.lerecontar.com

Instagram: [@ler_contar](https://www.instagram.com/ler_contar)

Facebook: www.facebook.com/Ler-Contar

Ficha Técnica

Projecto: Glória de Sousa, Samuel Rego,

Tomás Lima Coelho

Coordenação: Glória de Sousa

Autor do Conto: Salvina Ribeiro

Concepção Gráfica: Samuel Rego

Produção: Noitibó Confraria

Caracteres: Noto Sans/Noto Serif

Contacto: lerecontar2020@gmail.com

Colaboração: Débora Oliveira, Maria José Moreira, Paula Cochat, Teresa Brarens, Maria João Teles Grilo

Proibida a venda.

podia fazer documento, sem pagar.»

«Os pais da menina é que têm que registá-la», disse a funcionária, irritada. Aí, a avó informou: «Esse é o problema que estou com ele. Pais também não tem.»

«Alguém da família, então...»

«A família dela sou eu, a avó.»

«Está bem. Preencha este formulário para poder registá-la», disse a funcionária, atirando um papel para a mão de Dona Xica. «Não sei escrever», disse Dona Xica, enfrentando a outra nos olhos.

«Sou do tempo em que preto não tinha essa vantagem.»

Contrariada, a funcionária pegou numa caneta e começou a preencher o papel.

«Nome do pai», perguntou a contragosto.

«Domingos Matadi», respondeu Dona Xica.

A empregada escreveu e, a seguir, perguntou:

«Nome da mãe.» A avó respondeu: «Tonica Kumbu. Desculpe, Maria Antónia Kumbu.»

«Kumbu? Ah!Ah!Ah!», a funcionária riu, com ar de desprezo.

«Sim, Kumbu», confirmou avó Xica. «Estás a rir de quê?»

«Adiante... como se chama a menina?»

«Chama-se Nzinga Mbandi Matadi.»

«Ah!Ah!Ah!», gargalhou a funcionária

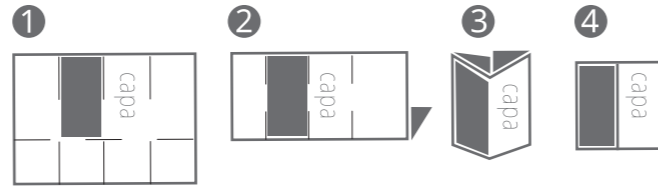
e, entredentes, rosnou: «Pobre com nome de rainha...»

O questionário prosseguiu até serem preenchidas as formalidades para o registo da criança. Quando terminou, Dona Xica não se conteve. Olhou bem nos olhos da funcionária e disse: «Não sei como você

Quando Nzinga atinge a idade escolar, a avó Xica dirige-se com ela à escola, para fazer a sua matrícula e, pelo facto de ser pobre e iletrada, é tratada com desprezo pela funcionária. No entanto, esta, e a própria Nzinga, acabam por receber uma grande lição.



Instruções de dobragem



LER & CONTAR

AS HISTÓRIAS DO AVÔ PANGUILA

SALVINA RIBEIRO



A MATRÍCULA

Nzinga era filha de gente pobre. Nasceu numa velha casa, que a avó ocupara pouco depois da independência do país e onde fizera vida e criara filhos. Na altura era casa bonita, mas o tempo roera-lhe a estrutura e, agora, era quase um casebre: paredes esburacadas, sem água a correr nas torneiras, luz intermitente e gerador não havia.

Nzinga não tinha registo de nascimento e só o descobriu, quando a avó, Dona Xica, tentou matriculá-la na Escola do Ritondo, bairro onde morava, em Malanje.

«Bilhete de identidade», pediu a funcionária. «Não tem», respondeu a avó.

«Cédula de registo de nascimento», pediu a funcionária.

«Também não tem», respondeu a avó.

«Como assim? Se a menina não tem identidade, não existe, não é cidadã! Nem aqui, nem em qualquer outra parte

do mundo», disse a funcionária, num tom pouco amigável.

«Ela existe sim, está aqui, não estás a vê-la?», contestou a avó. «Legalmente, não existe e pronto.

Como vou matricular uma indocumentada, uma pessoa que não existe?», resmungou a funcionária.

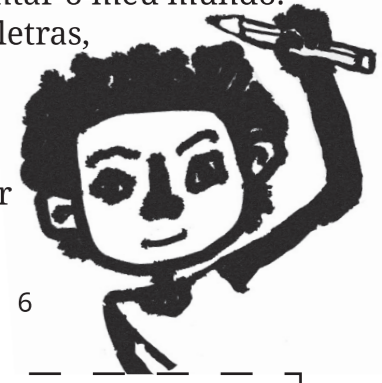
«Como vou fazer, então, para a menina estudar?», questionou a avó. A funcionária, estendendo a mão de pedir gasosa, insistiu: «Tem que ter documento». Avó Xica olhou-a de soslaio e disse: «Também não tem gasosa. Sou pobre. E me disseram que agora, a Escola

pode trabalhar numa escola, com toda essa falta de educação. Você pensa que é grande, porque tem estudos, mas é muito menor do que eu. E sabe porquê? Porque eu não sou letrada, mas sou educada. Você não.

Os estudos que tem não lhe servem para nada, a não ser para exercer autoridade junto dos mais fracos. Saber ler e escrever é importante, mas nem tudo está escrito nos livros. Há um conhecimento acumulado ao longo dos anos, um conhecimento que é só nosso: chama-se sabedoria e humildade, que é isso que você

não tem. Aprenda a respeitar os outros e perdoe-me pelo tempo que lhe roubei.» Dito isto, avó Xica virou costas, deu a mão à neta e retirou-se no seu passo lento e digno de verdadeira Senhora. A caminho de casa, Nzinga perguntou-lhe: «Por que é que aquela mulher se riu quando você disse o meu nome, avó?» «Porque você tem mesmo nome de rainha, minha neta.» «Qual rainha, avó?» «A rainha Nzinga Mbandi, que viveu no antigamente. Foi uma grande guerreira, muito lutadora e corajosa. Nasceu aqui mesmo, na nossa Província, lá para os lados da Baixa de Kassange, onde a nossa revolta contra o colono começou. Nzinga tem muitos nomes: os portugueses chamavam-lhe Ginga ou Jinga mas também há quem lhe chame Singa ou Zhingá. A pessoa é a mesma, aquela que foi rainha dos reinos do Ndongo e Matamba. O pai chamava-se Ngola Kiluanji. E sabes que foi por causa de Ngola que o nosso país passou a chamar-se Angola?» «Não sabia, avó.» «Pois é, minha neta. Naquele tempo, o mundo era já deste tamanho, mas as pessoas pensavam que era pequeno, assim do tamanho da sua terra.» «E não é, avó? A nossa terra não é do tamanho do mundo?» «Não, minha neta, o mundo é muito maior

do que aquilo que seus olhos vêem.» «Mas, avó, assim tão grande que não se vê?» «Sim, tão grande, que só se vê aos pouquinhos. Se você olhar em volta, há sempre mais mundo: mundo para lá, mundo para cá, mundo para ali, mundo para acolá.» «O mundo é uma bola e vem nos mapas, não é, avó?» «Sim, esse mundo é redondo, mas é só um mundo: o tal que se vê aos pouquinhos. Mas há outro, aquele que não se vê. Vive dentro de nós. À medida que crescemos, vamos construindo mundos que guardamos na cabeça, com as nossas experiências, as nossas lembranças, os nossos conhecimentos, e vamos aumentando mundo com a família, com os amigos, com o trabalho. Entendeu, minha neta?» «Entendi, sim. Entendi que a avó tem muito mundo dentro.» «Sim, minha neta. Cada um constrói o seu mundo interior. Esse não tem globos, nem mapas, nem direcções, pode ter curvas e contracurvas, pode ter chanas, desertos, montanhas, rios e mares, mas o que não pode faltar é mesmo o amor. Sem amor, o mundo não presta.» «Estudarei para aumentar o meu mundo. Quando tiver todas as letras, escreverei sobre avó Xica, que não tendo letras na mão me deu sua voz para me contar os mundos».



**Cria aqui
a tua ilustração
do conto!
Digitaliza-a
e envia-a
para nós.**